

pintou-se em tons de castanho para variar, com uns laivos de verde.



Uma pele nova

Os espinhos e unhas tornaram-se cor de marfim, sarapintados de verde e castanho. Os olhos, verde vivo e na ponta do focinho pintinhas verdes e azuis. No final, toda a Margarida foi coberta de salpicos dourados, para que encantasse ainda mais os milhares de visitantes que a fotografam e tocam.

De visual renovado, foi directamente para Lisboa, incluída na exposição “Mundo Jurássico”, presente na Feira Bebés e Crianças, em Novembro de 2008.

Fez furor! As luzes amarelas do stand favoreceram-na. Muitas crianças brincaram com ela, acariciaram-na e até teve direito a beijinhos de meninas que adoraram as pintas do “nariz”.



A Margarida de “look” renovado está agora de novo exposta no pátio do Museu da Lourinhã, pronta a recebê-lo na sua próxima visita. ■ Carla Alexandra Tomás

Ilustração Paleontológica VI - Transferência

Já colocámos o fóssil, já recolhemos bibliografia, já escolhemos a técnica e o suporte, vamos passar ao desenho propriamente dito mas só à transferência da forma, isto é, da silhueta. Para tal existem duas técnicas principais: à vista e por fotografia. Ambas têm vantagens e inconvenientes.

A transferência à vista corrige automaticamente problemas de perspectiva e de “deformações” do fóssil mas produz erros de interpretação.

A transferência por fotografia é a mais aplicada, sem erros de interpretação devido ao olho, mas podemos obter erros de perspectiva.

Uma fotografia consiste na captação de luz por uma objectiva que a projecta numa superfície. As objectivas não são planas, são curvas, e vão criar uma deformação no perímetro da área fotografada.

Se fotografarmos um rectângulo muito próximo, por exemplo um quadro, em que a área da pintura ocupe quase toda a área da fotografia, poderemos observar que o rectângulo abaulou nos lados, tomando uma silhueta parecida à de um barril. No entanto,

se tirarmos uma fotografia ao mesmo quadro em que apanharmos quase toda a parede, a deformação é minimizada.

O ideal é que o objecto exposto ocupe um terço da área, ao meio do campo da câmara, e que a máquina tenha uma qualidade razoável. Hoje qualquer máquina (digital) de 5000 pixeis (qualidade máxima) serve perfeitamente e actualmente já há telemóveis com essa resolução, embora não aconselhe o telemóvel para este género de trabalho.



Osso de *Torvosaurus*

Também a luz de exposição é importante. Com um dia radioso de céu limpo, num fóssil tudo o que estiver à sombra torna-se “preto” e todas as superfícies expostas à luz ficarão “brancas”. Por isso é importante a escolha do local de fotografia. É preferível um dia luminoso, mas algo encoberto, ou então à sombra.

Seja à vista ou por fotografia ambas as técnicas de transferência têm os seus erros próprios.

Pessoalmente prefiro a transferência por fotografia

porque considero que o erro produzido é menor e não é pessoal, mas originado por uma máquina, isto é, se existir, é uniforme. ■ Simão Mateus